

Crise ameaça toda uma vida

Há cinco anos, quando o artesão Mário Gomes, 43 anos, construiu um prédio na comercial da quadra 15 do Gama, via no imóvel a garantia de uma aposentadoria tranquila.

“Eu iria viver do lucro da loja que iria montar, e do aluguel das quatro salas”, diz, lembrando a ideia da época.

Ele conseguiu. Comprou o terreno em uma licitação da Terracap por 350 mil cruzeiros, divididos em 24 prestações. Em um ano, construiu o prédio, alugou as salas e montou sua loja de roupas e calçados.

Foi o auge para quem começou trabalhando como engraxate no interior de Goiás, aos seis anos, e fugiu de casa aos nove.

“Morei nas ruas de São Paulo, trabalhei de ajudante de padeiro e de mecânico, até entrar na onda do Woodstock, em 1969, virar hippie e percorrer o país vendendo artesanato”, conta.

Paulada — Em 1974, ele veio para Brasília, trabalhar na feira da Torre de TV. Casou e teve duas filhas, hoje com 12 e 13 anos de idade. “Eu revolucionei o trabalho em couro”, diz, entusiasmado.

“Mas desde 1990 eu só peguei paulada”, reclama. No Plano Collor, vendeu uma sala comercial para cobrir o dinheiro confiscado e pagar dívidas.

Conseguiu sobreviver. Reergueu-se e, em 1993, comprou duas lojas no Valparaíso Shopping.

“De outubro de 1994 para cá tudo mudou”, afirma. “Esse é o período mais negro da minha vida”.

Em seis meses, recebeu mais de 70 cheques sem fundo, num total de R\$ 40 mil. O empréstimo de R\$ 16,3 mil que pegou no banco para se capitalizar, não paga há dois meses.

“Eu não consigo vender e o banco não pode mais trocar cheques. O jeito é atrasar os fornecedores”. São mais de 30 em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul.

Os títulos protestados já somam R\$ 40 mil. “Isso porque eu consegui quitar uns R\$ 60 mil”.

Fila — O cheque especial que usava para pagar os quatro funcionários foi cortado pelo banco. Gomes já fechou uma loja no Valparaíso e, nos próximos dias, vai fechar a outra.

“Tem dia que os representantes fazem fila aqui na loja para cobrar. Eu explico minha situação. Já propus devolver a mercadoria e eles não aceitam”, explica, comentando que não suporta mais tanta pressão.

“Eu já até pensei em me matar”, diz. “E não foi uma vez só não”. À beira da falência e de um ataque de nervos, Gomes se irrita com facilidade e acaba descontando na família.

“Na semana passada, minha filha torceu o pé e eu bati nela, coitada”, lamenta. “Eu não vejo uma saída, mas não posso me entregar e deixar que amanhã o banco ou um credor se aposses de tudo que consegui”.